

THESE

29

TENDO POR OBJECTO O DESENVOLVIMENTO DOS TRES PONTOS DADOS PELA FACULDADE
DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

INDICAR OS MEIOS DE SE RECONHECEREM AS DIVERSAS PREPARAÇÕES DO MERCURIO.

DETERMINAR A DISTRIBUIÇÃO DOS NERVOS LINGUAL, E GLOSSO-PHARYNGEO
ONDE, COMO TERMINAM, E O QUE VALE ISTO PARA O USO DELLES.

QUAL É A NATUREZA DOS TUBERCULOS PULMONARES, QUAES SÃO AS CAUSAS QUE
CONCORREM PARA A SUA APPARIÇÃO, PRINCIPALMENTE NO RIO DE JANEIRO

APRESENTADA E SUSTENTADA PERANTE A MESMA FACULDADE
NO DIA 13 DE DEZEMBRO DE 1851

—*—

Manoel Francisco Povoá Ferreira

NATURAL DA CIDADE DE S. JOÃO DA BARRA EM CAMPOS (PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO),
FILHO LEGITIMO DE

ANTONIO FERREIRA COUTINHO

Doutor em Medicina pela mesma Faculdade, Membro Honorario da Sociedade Litteraria Fluminense.

Une these excellente, où tout marche et se suit,
N'est pas de ces travaux q'un caprice produit ;
Il faut du temps, des soins, et ce penible ouvrage,
Jamais d'un ecolier ne fut l'apprentissage.

BOILEAU — ART. POET. CH. 5.



RIO DE JANEIRO

TYP. DA EMPREZA — DOUS DE DEZEMBRO — DE F. DE PAULA BRITO
IMPRESSOR DA CASA IMPERIAL.

1851.

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO.

DIRECTOR

O EXM. SNR. CONSELHEIRO DR. JOSÉ MARTINS DA CRUZ JOBIM.

LENTES PROPRIETARIOS.

Os Srs Drs.

I—ANNO.

Francisco de Paula Candido, *Examinador*.....
Francisco Freire Allemão, *Supplente*.....

II—ANNO.

Joaquim Vicente Torres Homem.....
José Mauricio Nunes Garcia.....

III—ANNO.

José Mauricio Nunes Garcia.....
Lourenço de Assis Pereira da Cunha.....

IV—ANNO.

José Bento da Rosa.....
Joaquim José da Silva, *Presidente*.....
João José de Carvalho.....

V—ANNO.

Candido Borges Monteiro, *Examinador*.....
Luiz da Cunha Feijó.....

VI—ANNO.

Thomaz Gomes dos Santos, *Examinador*.....
José Martins da Cruz Jobim.....
2.º ao 4.º Manoel Feliciano P. de Carv.º.....
5.º ao 6.º Manoel do Valladão Pimentel.....

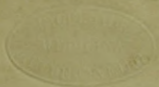
Physica Medica.
{ Botanica Medica, e principios elementares de Zoo-
logia.
{ Chimica Medica, e principios elementares de Mine-
ralogia.
Anatomia geral e descriptiva.
Anatomia Geral e descriptiva.
Physiologia.
Pathologia externa.
Pathologia interna.
{ Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Bra-
sileira, Therap., e Arte de formular.
Operações, Anatomia topogr. e Apparehos.
Partos, Molestias das mulheres pejudas e paridas
e dos meninos recém-nascidos.
Hygiene, e historia da Medicina.
Medicina legal.
Clinica externa, e Anat. pathol. respectiva.
Clinica interna, e Anat. pathol. respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

Francisco Gabriel da Rocha Freire..... } Secção de sciencias accessorias.
Antonio Maria de Miranda Castro, *Examinador*..... }
Antonio Felix Martins..... } Secção medica.
Francisco Ferreira d'Abreu, *Supplente*..... }
..... } Secção cirurgica.

SECRETARIO

O Sur. Dr. Luiz Carlos da Fonseca.



A

MEMORIA DE MEUS QUERIDOS PAIS

Tributo da mais viva e eterna dôr.



Á

MEMORIA DE MEUS IRMÃOS E CUNHADO

Recordação de nossa fraternal amizade.

AOS

MEUS IRMÃOS, CUNHADA E SOBRINHAS

Consenti, que reunidos vos colloque n'esta These, como vos tenho em meu coração.

—
AO ILLM. SNR.

JOSÉ PINTO DA SILVA FERREIRA

Permitti, meu caro irmão, que no momento o mais solemne de minha vida, eu vos possa dar um testemunho de minha amizade, offerecendo-vos este meu primeiro trabalho.

—
Á MEMORIA DE MEUS TIOS

OS SNRS.

MANOEL FRANCISCO POVOA
MANOEL DE BRITO COUTINHO

Uma lagrima de saudade.

—
AO ILLM. E REV. SNR. MANOEL DE BRITO COUTINHO

Jámais me esquecerei do quanto vos devo.

—
AOS MEUS TIOS E PADRINHO

OS ILLMS. SNRS.

JOSÉ GONSALVES DA SILVA JORGE
ANTONIO DA SILVA POVOA

Tributo de amizade e gratidão.

—
AO EXM. REV. SNR.

D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA

Bispo eleito do Maranhão, do Concelho de S. M. I., Commendador das Ordens de Christo e de Francisco I.º do Reino das Duas Ceilias, e Examinador Synodal, &c.

Homenagem ao Homem Sabio e Virtuoso.

AO

ILLM. SNR. DR. ADOLFO MANOEL VICTORIO DA COSTA E AZEVEDO

Demonstração de minha amizade.

AOS MEUS AMIGOS E COLLEGAS

OS ILLMS. SNRS.

DR. THOMAZ JOSÉ DA PORCIUNCULA

SUA FAMILIA

E

DR. JOSÉ THEODORO DA SILVA ASAMBUJA

AOS ILLMS. SNRS. DRS.

JOSÉ MARIA DE ANDRADE

JOÃO VENANCIO ALVES DE MACEDO

JOSÉ DA CUNHA PINHEIRO

FRANCISCO FERREIRA DE SIQUEIRA

EUGENIO CARLOS DE PAIVA

JOAQUIM FRANCO FERRAZ

FRANCISCO DE PAULA MEDEIROS GOMES.

AOS ILLMS. SNRS.

JERONYMO PINTO RODRIGUES DE BRITO

MANOEL DE BRITO COUTINHO FERNANDES

ANTONIO DO NASCIMENTO SILVA

IGNACIO RANGEL DE AZEREDO COUTINHO

JOSÉ ANTONIO DA SILVA VILLELA

Eis, amigos, uma pequena, mas sincera prova de amizade.



PONTO

DE

SCIENCIAS ACCESSORIAS.

INDICAR OS MEIOS DE SE RECONHECEREM AS DIVERSAS PREPARAÇÕES DE MERCURIO.



MERCURIO conhecido desde a mais remota antiguidade é liquido. Existe na natureza: 1.º, no estado nativo; 2.º, amalgamado com a prata, ou com o selenio; 3.º, com o enxofre formando o mineral conhecido pelo nome de cinabrio nativo; 4.º, combinado com o chloro.

PROPRIEDADES.—Em temperatura ordinaria é liquido, brilhante, de côr branca azulada semelhante a da prata; sendo dividido em pequenas porções, estas tomam a forma globular; sua densidade é de 13,596 a 15 + $\%$. Seu signal chimico é representado por Hg.

O mercurio volatilisa-se mesmo na temperatura de 15 a 24°, pois que uma lamina d'ouro posta a tres pollegadas de distancia da superficie do mercurio, fica esbranquiçada no fim de algumas semanas; se elevarmos a temperatura a 360 + $\%$, elle se dilata, ferve e se volatilisa em totalidade. O mercurio gela a 40 — 0, torna-se malleavel e molle como o chumbo.

O ar, e o oxygeno não tem acção notavel sobre o mercurio em temperatura ordinaria; porém em temperatura elevada proxima á aquella em que elle ferve, combina-se com elle, e forma deutoxydo de mercurio vermelho (pós de Joannes): se elevarmos ainda mais a temperatura, este se decompõe e ficará o mercurio.

O hydrogeno, boro, e o carbono não exercem acção alguma sobre o mercurio.

O enxofre forma dous compostos: o—proto, e—bi sulfureto.

O iodo forma tres compostos: o proto—sesqui, e—bi-iodureto.

O chloro forma dous, o—proto, e—bi-chlorureto.

O cyanogeno forma com o mercurio um cyanureto.

O acido sulfurico concentrado não tem acção sobre o mercurio em temperatura ordinaria; porém elevando-se o converte em —sulphato de bioxydo. O mesmo acido diluido, e aquecido o transforma em sulphato de protoxydo.

O acido azotico concentrado o transforma mesmo a frio, em azotato de bioxydo. Estando o acido diluido, o mercurio em excesso, e fervendo-se, converte-se em azotato de protoxydo.

O mercurio combina-se com alguns metaes, e forma amalgamas.

Procuraremos mostrar succintamente as diversas combinações do mercurio, e começaremos pelos saes haloides de Berzelius.

COMBINAÇÕES DO ENXOFRE COM O MERCURIO.

PROTO-SULFURETO DE MERCURIO.—É em forma de pós pretos, insolueis n'agua.

Caracteres distinctivos.—Misturado com a potassa, e posto em um tubo de vidro fechado em uma das extremidades, com a outra terminada em capillar, aquecendo-se a parte fechada do tubo em uma alampada de espirito de vinho, o mercurio volatilisa-se e vae condensar-se na parte superior do tubo em forma de pequenos globulos, que se verão mui distinctamente por meio de uma lente. Fica na parte inferior do tubo sulfureto de potassio, o qual póde ser reconhecido lançando-se sobre elle acido sulfurico diluido, e desprender-se-ha acido sulphydrico muito conhecido.

BI-SULFURETO DE MERCURIO.—É roxo, se estiver em fragmentos, vermelho

intenso, estando em pó; ao primeiro se dá o nome de cinabrio, ao segundo de vermelhão.

Caracteres distinctivos.—Os mesmos que os do proto-sulfureto.

COMBINAÇÕES DO IODO COM O MERCURIO.

PROTO-IODURETO.—Apresenta-se em forma de pó amarello verdoengo, insolúvel n'agua.

Caracteres distinctivos.— Sendo lançado sobre brazas apparecem vapores amarellos roxeados: aquecido com a potassa em um tubo, da mesma forma que o proto-sulfureto, obtem-se mercurio, e iodureto de potassio, o qual, sendo tratado pelo chloro, fornece iodo em forma de pós escuros, que aquecidos em um balão dão lindos vapores roxos.

SESQUI-IODURETO.—Pós amarellos avermelhados, insolúveis n'agoa.

Caracteres distinctivos.—Os mesmos que os do proto-iodureto.

BI-IODURETO.—Em forma de pós vermelhos carmesim, insolúveis n'agoa, e solúveis em um excesso de iodureto de potassio.

Caracteres distinctivos.— Os mesmos que os do proto-iodureto, dando porem com a potassa um iodureto ioduretado de potassio, que é vermelho.

COMBINAÇÕES DO CHLORO COM O MERCURIO.

PROTO-CHLORURETO DE MERCURIO (CALOMELANOS.)— Em fórma de pós brancos insolúveis n'agua.

Caracteres distinctivos.— Sendo aquecido com a potassa em um tubo, como dissemos tratando do proto-sulphureto, dá mercurio, e fica chlorureto de potassio, que será reconhecido, lançando-se sobre elle acido sulphurico; desprender-se-ha acido hydrochlorico em fórma de vapores brancos, espessos, que precipita em branco o nitrato de prata, em fórma de leite coalhado insolúvel n'agua, no acido nitrico; mas solúvel na ammonia.

Lançando-se a potassa dissolvida sobre o proto-chlorureto, apparecem uns pós cinzentos escuros.

BI-CHLORURETO DE MERCURIO (SUBLIMADO CORROSIVO). — Apresenta-se, ou em pedaços convexos de um lado, e concavos de outro, tendo aquella face lisa, e esta coberta de uma grande porção de crystaes agudos; ou em pós semelhantes ao assucar fino.

Caracteres distinctivos. — Sem cheiro, sabor acre, e metallico muito desagradavel: sendo lançado sobre brazas volatiza-se em fórma de vapores brancos espessos; se applicarmos sobre estes vapores uma lamina de cobre bem limpa, elles condensam-se nella, que, sendo esfregada, toma o brilho, e côr semelhante á da prata; se neste estado aquecermos fortemente a lamina de cobre, o mercurio volatiza-se, e fica o cobre com sua côr natural.

Misturado com a potassa, ou fluxo negro, e posto no tubo de vidro, como acima dissemos, teremos os mesmos resultados que com o proto-chlorureto. Sua dissolução aquosa precipita em branco pelo nitrato de prata em excesso; o precipitado é o chlorureto de prata solúvel na ammonia.

As dissoluções de potassa, de soda, de cal e de baryta dão um precipitado amarello alaranjado.

A ammonia dá um precipitado branco.

O iodureto de potassio dá um precipitado vermelho carmesim, solúvel em um excesso do mesmo.

O acido hydro-sulfurico em excesso dá um precipitado preto.

O sulphurato de sulfureto de potassio tambem o precipita em preto.

Uma lamina de cobre bem limpa, mergulhada em uma dissolução de bi-chlorureto, separa o mercurio, que se deposita sobre a lamina, dando-lhe a côr cinzenta; porém se esfregarmos esta lamina, ella toma a côr, e o brilho da prata.

Se a dissolução estiver misturada com liquidos corados, ou for em tão pequena quantidade, que os reactivos não demonstrem a sua presença, podemos empregar dous processos para reconhecermos o mercurio: o primeiro consiste; — em introduzir os liquidos, que contém o bi-chlorureto de mercurio, em um frasco, e juntar uma terça parte de ether sulfurico, tapar o frasco e agital o brandamente, de maneira que o ether se ponha em contacto com todo o liquido; feito isto, deixa-se o frasco em repouso: o ether, dissolvendo muito melhor o bi-chlorureto que a agua, apodera-se d'elle, e fica na parte superior do liquido em uma camada bem distincta do resto;

neste caso separa-se esta camada de liquido por meio do funil de vidro, depois evapora-se em uma capsula de porcellana todo o ether, o residuo dissolve-se em agua distillada, e então examina-se com os reactivos proprios, que darão todos os precipitados indicados. O segundo processo, que é tambem empregado para se reconhecer qualquer preparação de mercurio solúvel na agua, é o seguinte: — em uma lamina de estanho envolve-se uma de ouro em espiral, este apparatus, conhecido pela pilha de Smithson, introduz-se no liquido suspeito, juntam-se algumas gotas de acido hydrochlorico, depois de algum tempo, tira-se a pilha, desenrola-se a lamina de ouro, que se achará esbranquiçada; lava-se com agua distillada, e introduz-se em um tubo de vidro com uma extremidade fechada, e a outra tornada capillar, por uma alampada de alcool; depois aquece-se a parte fechada do tubo, o mercurio volatilisa-se, e vai condensar-se na parte superior em pequenos globulos, que se reconhecem mui distinctamente por meio de uma lente.

COMBINAÇÃO DO MERCURIO COM O CYANOGENO.

CYANURETO DE MERCURIO. — Apresenta-se em crystaes brancos, de um sabor acre.

Caracteres distinctivos. — Posto sobre brasas desprende-se cyanogeno com cheiro picante, e forte.

Posto em apparatus conveniente bem secco, e aquecido, dá cyanogeno, que arde com chamma purpurea, e depois de arder precipita a agua de cal em branco, este precipitado é solúvel nos acidos carbonico, e nitrico: fica no apparatus mercurio metallico, e um residuo carbonoso.

Dissolvido na agua não é precipitado pelos alcalis, em razão da grande affinidade do mercurio para o cyanogeno.

O acido hydro-sulfurico o precipita em preto.

O acido hydriodico o precipita em vermelho.

O acido hydrochlorico o converte em bi-chlorureto.

Uma lamina de cobre posta na dissolução com algumas gotas de acido sulfurico fica coberta pelo mercurio.

COMBINAÇÕES DO OXYGENEO COM O MERCURIO.

PROTOXYDO. — Este só existe em combinação: o que impropriamente se chama protoxydo, é um corpo cinzento escuro, em fôrma de pós insolúveis na agua, e solúveis no acido nítrico diluído, com o qual fôrma nitrato de protoxydo de mercurio, e desprende-se acido nítrico em fôrma de vapores vermelhos. Posto em um tubo, e aquecido dá mercurio.

DEUTOXYDO DE MERCURIO (PÓS DE JOANNES). — Apresenta-se em fôrma de crystaes, ou em pós vermelhos alaranjados, ou amarellos, quando hydratados, com sabor acre, desagradavel, exposto á luz ennegrece, é muito pesado e pouco solúvel na agua,

Caracteres distinctivos. — Posto em um tubo, e aquecido dá mercurio. Tratado pelo acido nítrico fôrma nitrato de bioxydo de mercurio.

COMBINAÇÕES DE MERCURIO COM OS ACIDOS.

Saes de protoxydo de mercurio.

PROPRIEDADES ORGANOLEPTICAS. — Sem côr no estado neutro, amarellos no estado de saes basicos, de sabor acre, e metallico muito desagradavel.

Caracteres distinctivos de sua dissolução: — 1.º, os sulphydratos, e o acido hydro-sulfurico dão um precipitado preto; 2.º, a potassa, soda, e ammonia dão tambem precipitado preto; 3.º, o acido hydrochlorico, e os chloruretos alcalinos dão um precipitado branco; 4.º, o iodureto de potassio dá um precipitado amarello verdeoengo, que se torna cinzento em um excesso do mesmo; 5.º, o cyanureto de potassio e ferro dá um precipitado branco; 6.º, o protochlorureto de estanho dá um precipitado cinzento; 7.º, o carbonato de potassa dá um precipitado branco acinzentado; 8.º, uma lamina de cobre bem limpa precipita o mercurio, formando um deposito cinzento na superficie da lamina, que esfregada toma a côr e o brilho da prata.

SULFATO DE PROTOXYDO DE MERCURIO. — É solido, branco, ligeiramente solúvel na agua fervendo: a dissolução obra sobre os reactivos, como a do

sal de protoxydo : além disto a agua de baryta dá um precipitado cinzento, que, sendo tratado com algumas gotas de acido nitrico, torna-se branco, é o sulfato de baryta, que póde ser conhecido pelos seus caracteres proprios.

NITRATO DE PROTOXYDO DE MERCURIO.—É branco em forma de crystaes, de sabor acre, e desagradavel; a agua fria o decompõe, e o faz passar ao estado de proto-nitrato acido, que se dissolve, e de sub-proto nitrato, que se precipita.

Sua dissolução dá com os reactivos, os precipitados proprios dos saes de protoxydo. Como nitrato se reconhecerá pelos caracteres proprios dos nitratos com acido nitrico, e limalha de cobre.

SAES DE DEUTOXYDO DE MERCURIO.

PROPRIEDADES ORGANOLEPTICAS.—Sem côr no estado neutro, amarellos no estado de saes basicos, sabor acre e metallico muito pronunciado.

Caracteres distinctivos de sua dissolução: — 1.º, os sulphyratos, e o acido hydro-sulfurico em excesso os precipitam em preto; 2.º, a potassa, e a soda dão um precipitado alaranjado; 3.º, a ammonia dá um precipitado branco; 4.º, o acido hydrochlorico, e chloruretos não dão precipitados; 5.º, o iodureto de potassio dá um precipitado vermelho carmesim; 6.º, o cyanureto de potassio e ferro dá um precipitado branco; 7.º, o proto-chlorureto de estanho dá um precipitado cinzento; 8.º, o carbonato de potassa dá um precipitado amarello alaranjado; 9.º, uma lamina de cobre introduzida na dissolução faz depositar o mercurio, como nos proto-saes.

SULFATO DE DEUTOXYDO DE MERCURIO.—É branco, em forma de massa, deliquescente; decompõe-se em sulfato muito acido solúvel, e em sub-sulfato amarello, que se precipita, chama-se a este precipitado turbith mineral.

Sua dissolução acida dá todos os precipitados proprios dos saes de deutoxydo. Reconhece-se o sulfato lançando-se sobre elle agua de baryta, que dá um precipitado amarelado, o qual, sendo tratado pelo acido nitrico, converte-se em precipitado branco de sulfato de baryta.

NITRATO DE DEUTOXYDO DE MERCURIO.—É branco, em forma de crystaes, de sabor acre, e mais caustico que o do proto-nitrato, deliquescente, tratado

pela agua quente decompõe-se em sal acido, que se dissolve, e em sal basico amarello, insoluel, chamado turbith nitroso.

Sua dissolução dá com os reactivos os precipitados proprios dos saes de deutoxydo.

Reconhece-se que é o nitrato, da mesma maneira que se reconhece o nitrato de protoxydo de mercurio.





PONTO

DE

SCIENCIAS CIRURGICAS.

DETERMINAR A DISTRIBUIÇÃO DOS NERVOS LINGUAL,
E GLOSSO-PHARYNGEO, ONDE, COMO TERMINAM, E O QUE VALE ISTO
PARA O USO DELLES.

CONSIDERAÇÕES GERAES.

O NERVO trigemeo, o quinto par craneano, nascendo da parte interna, e superior do pedunculo do cerebello, e sobre o limite, que separa este pedunculo da protuberancia annular, vem surgir através de uma separação de fibras transversaes. Este tronco resulta da approximação de duas porções distintas, uma muito mais consideravel que a outra; a primeira se chama grossa raiz, raiz ganglionar, ou sensitiva; a segunda pequena raiz, raiz motora, ou ainda nervo crotaphyto bucal. Diversas são as suas origens em relação ás suas attribuições. Continuando o seu trajecto, divide-se: em ramo ophtalmico, em ramo maxillar superior, e em ramo maxillar inferior, que, associado á pequena porção do trigemeo, sahe do craneo pelo buraco oval do sphenoide.

O ramo maxillar inferior no craneo differença-se dos outros por ser composto de dous feixes bem distinctos: um externo, volumoso, provém do ganglio de Glasser, ou da grossa raiz do trigemeo; o outro interno, occulto pelo primeiro, é constituído pela pequena raiz do nervo.

Fora do craneo parecem confundir-se esses dous feixes, e formar um só designado pelos anatomistas modernos com o nome de nervo maxillar inferior; entretanto, diz Longet, esta fusão não é senão apparente, como nos tem sido facil comprovar sobre peças maceradas n'agua de acido azotico; destruido o nevrileme, vêem-se os dous feixes, dos quaes o menor é superior, e externo, e o mais volumoso é inferior, e interno.

Eu chamo, continua Longet, ao primeiro nervo maxillar inferior motor, e ao segundo nervo maxillar inferior sensitivo; este dando nascimento aos ramos temporal superficial, dentario inferior, e lingual se distribue nas glandulas, nos dentes do maxillar inferior, e não tem influencia alguma directa sobre o movimento.

O nervo maxillar inferior sensitivo se continúa com a raiz ganglionar do trigemeo, e, depois de ter apresentado o trajecto, e as relações indicadas, fornece, detraz para diante; 1.º, o ramo temporal superficial; 2.º, o dentario inferior; 3.º, o lingual. Trataremos deste ultimo, que faz objecto de nosso ponto.

NERVO LINGUAL.

Destinado essencialmente á mucosa da lingua, o nervo lingual, pequeno nervo hypo-glosso de alguns anatomistas, se dirige para baixo, e para diante, communicando-se perto de sua origem com o nervo dentario inferior por um filete mui curto; continua entre os musculos peristaphylinio, e pterygoidiano externo; e ainda entre os dous pterygoidianos, entre o pterygoidiano externo, e o maxillar inferior, entre aquelle, e o constrictor superior do pharynge: depois dirige-se para diante, e collocando-se acima da glandula submaxillar, abaixo da mucosa da boca, elle crusa em angulo agudo o canal de Warton, chega ao lado interno da glandula sub-lingual, introduz-se na lingua fora dos musculos genio-glossos, e emfim termina-se por um numero consideravel de filetes.

Entre os dous musculos pterygoidianos elle recebe do nervo facial um ramo conhecido por corda do tympano, que simplesmente ligado a seu bordo posterior, separa-se logo, ao menos em parte, para se dirigir ao ganglio sub-maxillar.

Ao nivel, e além do bordo anterior do pterygoidiano interno, o lingual envia filetes á mucosa do pharynge, á aquella que reveste a parte posterior e interna das gengivas, e ás amygdalas.

Entre o mylo-hyoidiano, e hyo-glosso, ao nivel da glandula sub-maxillar, elle fornece á esta filetes, que então atravessam o ganglio indicado: é sobre o hyo-glosso que se vê o lingual anasthomosar-se com o nervo hypoglosso, e é um pouco além que se distribue na glandula sub-lingual, na parte anterior, e interna das gengivas, na mucosa que forra a parede inferior da boca adiante.

Chegado finalmente até a lingua, o nervo lingual penetra, em seu tecido entre os musculos lingual, e genio-glosso, divide-se em muitos filetes, que se dirigem obliquamente para cima, e para diante, atravessam o corpo carnoso do orgão, e chegam á membrana mucosa da lingua em sua parte anterior; entre estes filetes de terminação, que se espalham em pequenos pinceis, alguns pódem ser seguidos até as papillas fungiformes della, onde terminam: chegado a ponta da lingua, reduz-se o nervo a um filete, e ahi se perde.

ACÇÃO PHYSIOLOGICA. — Sabemos que todos os nervos, que communicam com o feixe posterior da medulla, estão exclusivamente em relação com o exercicio da sensibilidade; a grossa raiz do trigemeo mergulha neste feixe medullar, que ao nivel do bolbo toma o nome de corpo restiforme, além disto, ella apresenta um ganglio, o de Glasser, como as raizes spinaes posteriores, e emfim sua repartição nos envoltorios tegumentarios revella ser elle um nervo de sentimento: claro fica que, sendo o nervo lingual uma subdivisão do maxillar inferior, sensitivo, e nascendo elle da grossa raiz, deve gozar das mesmas propriedades que aquelle, e porisso o consideramos como nervo de sentimento, firmando-nos nas experiencias de Longet e muitos anatomistas modernos.

A séde do gosto tem por muito tempo occupado a attenção dos physiologistas, e até hoje elles não estão de accordo: quer o considerem existindo na base da lingua, quer em toda ella, as experiencias de Longet provam, que existe o gosto em todos os pontos da lingua, em que os nervos lingual, e glosso-pharingeo distribuem os seus filetes. Com effeito ver-se-ha que é pelo

ramo lingual que o trigemeo transmite as impressões sapidas, e que esta importante funcção é dividida com o glosso-pharyngeo.

Fazendo-se a secção do nervo lingual nos animaes, elles experimentam uma dôr viva ; se applicarmos depois os dous pólos de uma pilha nas extremidades do nervo, não se produz o menor movimento da lingua ; entretanto que applicando-se sobre o hypo-glosseo apparecem contracções mui manifestas. Estando divididos os dous nervos linguaes, póde-se cauterisar, com o ferro quente, ou potassa caustica toda a mucosa, que reveste os dous terços anteriores da lingua, sem que o animal experimente o mais ligeiro soffrimento.

Longet affirma que não ha nervo especial, e unico de gustação, que o glosso-pharyngeo, e o lingual concorrem ambos tanto para esta importante funcção, como para a sensibilidade geral ; porém nem todos os physiologistas partilham esta opinião : segundo Panizza, o resultado immediato da divisão do glosso-pharyngeo é a perda absoluta do gosto, sem lesão, nem da sensibilidade tactil, nem dos movimentos da lingua, e a secção do nervo lingual faz desaparecer a sensibilidade tactil em todo este orgão : nós nos contentaremos, continua ainda Longet, em fazer observar que, se o glosso-pharyngeo era o nervo exclusivo do gosto, como assegura Panizza, não concebe-se a existencia da faculdade gustativa nos dous terços anteriores da lingua, que não recebem o menor filete deste ; d'outro lado que, se o lingual fosse exclusivamente um nervo de sensibilidade geral, não se explicaria como, cortado este, se tornasse insensivel a lingua em toda a extensão, pois que a distribuição do lingual é completamente estranha á base deste orgão. Muller considera pouco valiosas as experiencias de Valentim, porque resultaria que o animal começasse a recobrar o gosto 15 dias depois da secção do glosso-pharyngeo : ora, este espaço de tempo é de tal maneira curto, que leva a pensar que a operação não tenha abolido o sentido.

NERVO GLOSSO-PHARYNGEO.

O nervo glosso-pharyngeo, porção anterior do 8.º par, nono de alguns modernos, é destinado ao pharynge, e á lingua.

Nascido do corpo restiforme immediatamente acima, e na mesma ordem

que o pneumogastrico, por uma ordem de filetes, que continuam segundo alguns autores com as raizes deste ultimo nervo, o glosso-pharyngeo sahe do buraco despedaçado posterior por um canal, umas vezes fibroso, outras vezes osseo, que lhe é proprio, e que é situado adiante do canal do pneumogastrico, e do spinal reunidos.

Em sua passagem o nervo glosso-pharyngeo muda de direcção, curva-se sobre si mesmo, e apresenta um ganglio descripto por Andresh com o nome de ganglio pedroso. A este ganglio, que occupa uma depressão ossea do rochedo, succede um cordão arredondado, que se dirige verticalmente para baixo, adiante da carotida interna, depois por entre os musculos stylo-pharyngeo, e stylo-glossó; dirige-se ainda de traz para diante descrevendo uma curva de concavidade superior, passando adiante do pillar posterior do véo do paladar, atraz da amygdala, e vae collocar-se na mucosa da lingua, distribuindo-se nas papillas lenticulares consideradas por alguns anatomistas como glandulas mucosas. Durante este trajecto nota-se: 1.º, que elle fornece o ramo de Jacobson; 2.º, que recebe do nervo facial um ramo anasthomotico; 3.º, que tambem recebe do spinal e do pneumogastrico, ou mais exactamente daquelle, um ramo anasthomotico; 4.º, que fornece um ramo ao digastrico, e ao stylo-pharyngeo; 5.º, que fornece filetes carotidianos; 6.º, ramos pharyngeos; 7.º, ramos tonsillares; 8.º, finalmente ramos linguaes. Trataremos succintamente de cada uma das divisões.

RAMO DE JACOBSON. — Passa sobre a crysta de separação, que existe entre a fossa jugular, e o canal carotidiano; fóra do aqueducto do caracol existe o orificio inferior do canal de Jacobson, este canal dirigido para traz e para cima penetra na espessura da parede interna da cavidade, adiante da janella redonda, ahi divide-se em tres ramos, um descendente, que se abre no canal carotidiano, e dous ascendentes, um anterior, dirigindo-se para diante e para cima, o outro posterior, dirigindo-se verticalmente para cima, por detraz da janella oval, e vai ter sobre a face superior do rochedo.

Neste canal penetra o ramo de Jacobson, por elle mesmo dividido em tres filetes correspondentes aos tres ramos; o descendente vai lançar-se no plexo carotidiano; dos dous ascendentes, um anterior vai ao ramo craneano do nervo vidiano, o outro vai ganhar a face superior do rochedo, adiante do precedente, e se termina no ganglio optico.

RAMO ANASTHOMOTICO. — Emanado do facial immediatamente depois de sua sahida do buraco stylo-mastoidiano, vai lançar-se, quer no tronco do

glosso-pharyngeo, quer em um dos seus ramos; neste ultimo caso o glosso-pharyngeo, nascido do ganglio de Andresh, immediatamente abaixo do ramo de Jacobson, se dirige para baixo, e para fóra, por traz da apophyse styloide, e vai se anasthomosar com um ramo emanado do facial, anasthomose esta mui volumosa pelo ramo do facial; substitue ás vezes o glosso-pharyngeo na base da lingua, e véo do paladar.

ANASTHOMOSE DO GLOSSO-PHARYNGEO COM O SPINAL E PNEUMOGASTRICO.—Ordinariamente ao pneumogastrico se une o glosso-pharyngeo, ou mais exactamente ao ramo anasthomotico do spinal. Algumas vezes é completamente isolado destes nervos, com os quaes se communica por um ramo pharyngiano. A communicacão do spinal, e do glosso-pharyngeo effectua-se mais ordinariamente á custa do ramo pharyngiano do primeiro destes nervos.

RAMO DIGASTRICO, E DO STYLO-PHARYNGEO. — Este ramo, destacando-se do lado externo do nervo, bifurca-se para se dirigir por uma de suas divisões ao ventre posterior do digastrico, e por uma outra ao stylo-pharyngeo. Parece vir este ramo anasthomotico do nervo facial ao glosso-pharyngeo.

FILETES CAROTIDIANOS. — Mui numerosos, seguindo ao lado da arteria carotida interna; chegados á bifurcaçãõ da carotida primitiva, elles se anasthomosam com os filetes carotidianos do ganglio cervical superior, e concorrem á formaçãõ do plexo-nervoso inter-carotidiano, donde partem prolongamentos plexiformes.

RAMOS PHARYNGEANOS.— Em numero de dous a tres vão anasthomosar-se com os ramos pharyngeos do nervo pneumogastrico, ou antes do spinal, e com os ramos internos do ganglio cervical superior para constituir o plexo-pharyngeo. Tem-se dito que estes ramos pharyngeos atravessam os musculos deste orgão para se dirigirem á membrana mucosa; mas é evidente que estes ramos dirigem-se ao constrictor medio, e superior: é muito provavel que os filetes dos ramos musculares fornecidos pelo glosso-pharyngeo venham, não delle mesmo, mas sim do ramo anasthomotico, que lhe é enviado pelo nervo spinal.

RAMOS TONSILLARES. — São mui multiplicados, e formam uma especie de plexos. Estes ramos distribuem-se nas amygdalas, na mucosa dos pilares do véo do paladar, e na deste orgão.

RAMOS LINGUAES.— Depois de ter fornecido estes diversos ramos, o glosso-pharyngeo reduzido á metade de seu volume se espalha na espessura da base da lingua, aonde se perde. Entre os ramos linguaes, uns se collocam

imediatamente debaixo da mucosa, os outros atravessam as camadas superiores do meio da lingua; porém mais adiante que os precedentes: todos são destinados á mucosa, e ás glandulas situadas atraz do V. lingual; os mais internos dirigem-se de fora para dentro sobre os lados da linha mediana, os mais externos seguem os bordos da lingua. É na base da lingua, na mucosa situada por traz do V. lingual, que se distribue o glosso-pharyngeo.

ACÇÃO PHYSIOLOGICA. — O nervo glosso-pharyngeo nasce do bolbo da medulla, sobre o prolongamento do rego lateral da mesma, é provido de um ganglio, como as raizes spinaes posteriores: a sua distribuição terminal assemelha-se á de um nervo de sentimento. Longet em suas experiencias, feita a ablação dos lobulos cerebraes, galvanizando os nervos glosso-pharyngeos, antes de sua entrada no buraco despedaçado posterior, não observou contracção alguma do pharynge, nem dos musculos, que selhe avisinham: estes resultados negativos assemelham-se aos que elle obteve, applicando o mesmo agente ás raizes posteriores, ao lingual e á outras divisões da porção ganglionar do trigemeo. Entretanto Muller ensina, que o nervo glosso-pharyngeo é mixto desde a sua origem; que os filetes glosso-pharyngeos, uns com ganglios, outros desprovidos destes se comportam como as raizes do trigemeo; e que, como este, é mixto á semelhança dos rachidianos. Para que as raizes do glosso-pharyngeo se comportassem como as do trigemeo, e rachidianos, seria preciso, segundo os principios de Bell adoptados por Muller, que ellas tivessem origens distinctas em relação ás suas attribuições motora e sensitiva; porém o inverso tem sido por Longet demonstrado.

Debrou acredita ter visto movimentos do pharynge, e véo do paladar, galvanizando este nervo no craneo; porém, accrescenta elle, tenho feito esta experiencia sobre os tres nervos do buraco despedaçado posterior; um destes é o spinal, que fornece precisamente filetes motores anasthomosados com o glosso-pharyngeo.

Longet, á vista de seus exames, e experiencias, considera este nervo exclusivamente de sentimento desde a sua origem até seu ganglio; mas que a partir dahi, exerce tambem uma influencia motora, devida á suas anasthomoses com nervos de movimento.

Experiencias feitas, quer directa, quer indirectamente, levam a considerar tambem o nervo glosso-pharyngeo de gustação. Segundo alguns autores, feita a re cisão do nervo glosso-pharyngeo, haveria inteira abolição do gosto; se-

gundo outros, agustação apenas teria perdido em parte a sua actividade. O resultado da divisão deste nervo, segundo Panizza, é, como já fizemos vêr, a perda absoluta do gosto. Alcock affirma, que, sobre um cão, o gosto não pareceu muito affectado pela secção dos glosso-pharyngeos, porque o animal fez esforços por vomitar, submettido á acção da colocintida : elle conclue que se os glosso-pharyngeos concorrem á percepção dos sabores, não são certamente os unicos, e especiaes. Magendic vai ainda mais longe; diz que o animal sentia os sabores tanto, como antes desta secção. Longet de todas as opiniões conclue: que o emprego do glosso-pharyngeo, como agente de sensibilidade geral, e especial, não póde ser contestado: que seria exaggeração collocar-se o gosto debaixo da exclusiva dependencia deste nervo.





PONTO

DE

SCIENCIAS MEDICAS.

Qual é a natureza dos tuberculos pulmonares, quaes são as causas que concorrem para a sua apparição, principalmente no Rio de Janeiro.

PRIMEIRA PARTE.

DOUS são os estados em que se acham os tuberculos: ou no estado de crueza, quando ainda estão duros, ou no estado de amolecimento, isto é, quando perdem a consistencia primaria. Em sua origem apresentam-se os tuberculos de-baixo da fórma de pequenos corpos arredondados, sem, traços de organização, brancos, amarellados, e opacos. Em relação á sua consistencia, elles resistem fortemente ao dedo, que os comprime, despedaçando-se difficilmente; outras vezes resistem menos, reduzindo-se a polpa, bem como o queijo, que principia a tornar-se duro; outras finalmente se acha misturado á sua substancia um certo numero de grãos de substancia calcaria. As analyses chemicas os consideram constituídos por materia ani-

mal 98, 15, muriato de soda, e phosphato calcario 1, 85, e pequena porção de oxido de ferro: tal é a composição dos tuberculos, cuja presença no seio do parenchima produz a phthisica. Solidos, segundo muitos autores, desde os primeiros tempos de sua formação; liquidos, segundo outros; mas solidificando-se promptamente, estes corpos amollecem-se depois de um tempo variavel, e pouco a pouco, convertem-se em pús.

Procuraremos mostrar como nascem os tuberculos, desenvolvem-se, e amollecem. Antes de entrarmos nestas considerações, aventuraremos algumas palavras a respeito da sua séde.

Muito discordes tem sido os autores a respeito da séde.

Broussais colloca os tuberculos nos ganglios, e vasos lymphaticos do pulmão. Magendie, e Cruvellier nas vesiculas aerias, sem talvez se lembrarem que muitas vezes encontramos cheios de tuberculos os pulmões, sem entretanto deixarem de ser permeaveis ao ar, existindo são o parenchima, que circunda estes tuberculos. Andral pensa que se formam indifferentemente nas vesiculas bronchicas, e no tecido laminoso inter-vesicular. Finalmente, Lombar de Genova faz prevalecer a antiga opinião de Cruvellier, dando como séde dos tuberculos o tecido inter-lobular, opinião por muito tempo aceita, até que as indagações anathomicas feitas por Magendie a contestaram. Acreditamos que elles não tem exclusivamente nesse tecido a sua séde, que tambem se desenvolvem nas vesiculas, e ganglios lymphaticos.

Se entre os pathologistas tem havido dissidencias sobre a séde dos tuberculos, maiores tem sido a respeito do estado primitivo delles, e de sua natureza intima.

Magendie acredita que antes de se apresentarem os tuberculos no estado solido, elles existem no estado liquido, ou de pús, e solidificam-se depois da absorção de suas partes; esta foi tambem a opinião de Andral, e Cruvellier.

Laennec diz que começam por pequenos grãos transparentes, algumas vezes mesmo diaphanos, ou quasi sem côr, á que elle dá o nome de granulações miliares. Louis, abraçando a opinião deste, diz ter visto estas granulações tanto mais grossas, e mais numerosas, quanto mais approximadas são do apice do pulmão.

Andral, considerando estas granulações formadas por vesiculas endurecidas, e hypertrophizadas, oppõe-se á esta opinião, dizendo que, se as granulações miliares fossem o primeiro gráo dos tuberculos, dever-se-ia encontrar-as, aonde existissem aquelles.

Rouchoux comprovou, que antes das granulações miliares, e cinzentas de Laennec existe um pequeno corpo, quando muito, do volume de um grão de milho, de côr rubra amarellada, pouco consistente, unido ao tecido do órgão por uma multidão de filamentos cellulosos.

Baron affirma começar o tuberculo por uma vesicula transparente, opinião que tem sido completamente rejeitada.

Consistirá o tuberculo em uma simples transformação do tecido? Será elle um tecido accidental sem analogo no estado são, desenvolvido de todas as peças, e por epiggeneses no meio dos tecidos nervosos, que elle tem repellido mas não destruido? Será antes um producto de secreção morbida? A primeira destas tres hypotheses não conta hoje mais defensores: um exame superficial basta para fazer conhecer que o tuberculo não é um tecido degenerado. Não é um tecido novo como professava Laennec, e todos aquelles que adoptavam a sua opinião: não se encontra no tuberculo condição alguma das que ligamos á idéa de tecido. Jámais observaram-se vasos, nem areolas, nem laminas, nem fibras: é um todo homogeneo, nada revela organização. Embora se tenha dito, que se ha nelle encontrado vasos, não lhe pertenciam, como procuraremos demonstrar. O tuberculo não é pois um tecido; parece-nos dever ser considerado como uma materia secretada do seio das partes vivas. Não é talvez outra cousa senão um modo especial da alteração do liquido perspiravel, que no estado normal é separado do sangue pela superficie de toda a membrana, como no interior de todo o parenchima. Além disto se é verdadeiro, ser o tuberculo uma secreção perspiratoria, elle pôde formar-se por toda a parte, como aquella: é effectivamente isto que demonstra a observação; assim ella ensina, que é principal, e mais frequentemente nas diversas porções do tecido cellular que se secreta a materia tuberculosa, quer no tecido cellular livre, quer n'aquelle, que é combinado nos diversos órgãos com os elementos anatomicos variados, que os constituem. Eu tenho achado, diz Andral, a materia tuberculosa nas cavidades de um certo numero de vasos lymphaticos, que partiam de órgãos inflamados; mas não tuberculosos. É pois por erro que alguns autores quizeram dar uma séde exclusiva aos tuberculos. Por toda a parte, aonde no estado são ha exalação, pôdem no estado morbido desenvolver-se tuberculos: é esta opinião seguida por grande numero de praticos, e ultimamente adoptada por um dos mais modernos escriptores, fallamos do Sr. Grisolle.

Uma vez produzido, vê-se o tuberculo augmentar de volume; como se opera este crescimento?

Por duas hypotheses pôde-se explicar tal crescimento: a primeira, de Bayle adoptada por Laennec, é que, sendo o tuberculo um tecido accidental *sui generis* tem-se-lhe concedido a vida, tem-se admittido n'elle a faculdade de crescer por inter-suscepção, á maneira dos seres organisados, e vivos.

Bem que simples producto de secreção, o tuberculo poderia, uma vez separado do sangue, gozar de uma vida independente; porém seria preciso demonstrar no tuberculo algum acto vital; é isto que não tem sido ainda feito.

Se pois o tuberculo é uma simples substancia secretada, se nesta substancia a vida não é revelada por phenomeno algum, segue-se que o tuberculo não pôde crescer por inter-suscepção, mas sim á maneira dos corpos inorganicos, isto é, por justa posição. Cada molecula de materia tuberculosa é depositada ao lado de uma molecula organizada; resulta disto uma massa, no meio da qual se acham, como presas, porções de tecido, e á ellas pertencem os vasos encontrados algumas vezes no seio de massas tuberculosas. Á medida que os tuberculos se desenvolvem, deprimem os tecidos que os cercam, as cellulas do tecido laminoso apagam-se, os vasos sanguineos diminuem de calibre, e acabam por obliterarem-se completamente, o pulmão torna-se menos permeavel ao sangue em roda dos tuberculos, como provam as injecções feitas sobre o cadaver; é provavel, que muitas vesiculas aerias se achem apagadas pela compressão.

A admittir-se a opinião de Laennec sobre o desenvolvimento dos tuberculos, estes corpos, engrossando-se, perdem pouco a pouco a transparencia, e a côr cinzenta, que os caracteriza; em seu centro apparece um ponto de um branco amarellado, e opaco, que ganhando a circumferencia acaba por converter-se nestas massas homogeneas, que constituem os tuberculos crús dos autores.

Depois de um tempo mais ou menos longo começam a amollecem-se os tuberculos; este amollecimento não é mais que o resultado do complemento de uma lei do estado morbido, em virtude da qual todo o corpo estranho, introduzido ou formado na economia, tende a ser expellido della á custa de um trabalho de suppuração, que se estabelece em roda delle.

Ainda duvidas existem acerca do amollecimento dos tuberculos: Bayle, e

seus sectarios acreditam, que os tuberculos encerram em si mesmo a causa de seu amolecimento, como a de seu desenvolvimento.

Broussais e Bouillaud attribuem á uma inflamação.

Rouchoux é de opinião que, se effectua o amolecimento sem causa apreciavel, assim comê a carie dos dentes. Lombard de Genova acredita, que elles, obrando como corpos estranhos sobre os tecidos, que os cercam, e que os irritam, determinam uma secreção de pús destruindo mecanicamente a materia tuberculosa.

Uma vez amolecidos os tuberculos, um novo trabalho se opera; tratam de perfurar o parenchima pulmonar em roda da materia tuberculosa, os tubos bronchicos não tardam a ser envolvidos nesta destruição dando uma livre passagem ao pús, que é lançado fóra pela expectoração.

SEGUNDA PARTE.

CAUSAS.

A etiologia dos tuberculos é uma das partes mais importantes da historia desta molestia. Dividiremos segundo os pathologistas suas causas em predisponentes e determinantes.

CAUSAS PREDISONENTES.—Desde os primeiros mezes da vida extra-uterina até a idade mais avançada teem sido observados os tuberculos; entretanto pôde-se affiançar com Laennec, Andral e outros, que mais raros nos primeiros annos, e nos ultimos, teem-se tornado mais frequentes dos 18 aos 35.

Laennec, Louis, e muitos outros reconheceram serem na época da puberdade mais frequentes os tuberculos nas mulheres, que nos homens, ainda que Chark provasse serem mais frequentes nestes em Genova, Berlin, Napoles, etc.

São mais predispostos aos tuberculos os individuos dotados de uma constituição fraca, temperamento lymphatico, e os que apresentam uma pelle

branca resplandescente, rubor vivo dos pomos, e estreiteza de peito com saliencia dos omoplatas.

A herança dos tuberculos, comprovada por Louis e Piorry, não pôde deixar de ser acreditada. Chomel diz, que, se filhos de pais tuberculosos não são immediatamente affectados, mais tarde serão victimas dessa molestia. Andral accrescenta, que tem notado ella accommetter a individuos, e reaparecer nos netos, deixando incolumes os filhos; ou serem estes affectados da elephantiasis dos Gregos; o Sr. Dr. Silva diz ter observado serem muitas vezes substituidos os tuberculos pela elephantiasis dos Gregos; porém não com a regularidade, que pretende Andral.

Os tuberculos desenvolvem-se nos climas frios, e humidos, naquelles aonde uma alternativa de elevação, e abaixamento de temperatura é frequente. O Sr. Dr. Sigaud diz em sua obra ser ella tão frequente no Brasil, como na Europa, que ataca tanto aos nacionaes, como aos estrangeiros, que apenas em alguns casos a tuberculisação tem menos tendencia a generalisar-se.

A habitação de lugares humidos, proprios a enfraquecerem a constituição do individuo, favorece tambem a apparição dos tuberculos; o mesmo se dá a respeito da nutrição. Alguns autores, notando, que d'entre os animaes os herbivoros são tocados de tuberculos, concluíram, que o regimen animal oppunha-se ao desenvolvimento dessa enfermidade; mas reflectindo-se que os animaes herbivoros são aquelles, que debaixo das diversas condições hygienicas tendem a adquirir a constituição fraca, e que, collocados os carnivoros nas mesmas circumstancias, são igualmente tocados da mesma molestia, conclue-se, que, tanto uns, como outros, são sujeitos á tuberculisação, dando-se as mesmas circumstancias.

As profissões predispõem os individuos a tuberculisarem-se, assim os cantores, os toucadores de instrumento de sopro, os pregadores, etc., são predispostos, porque fazendo elles um uso continuo dos orgãos da respiração, e da voz, estes se irritam, exaltam sua acção, seus movimentos se apressam, tornam-se frequentes, e forçados: a circulação por consequente se accelera, se augmenta, e phenomenos morbidos mais ou menos apparentes se declaram.

Tambem se acham expostos os douradores de metaes, os ourives, os que trabalham com arsenico, e antemonio, os pintores, os canteiros, pelas emanações de vapores, e aspiração de particulas, que se desprendem das substancias mineraes.

Entre as causas predisponentes tem sido tambem collocadas a syphilis, o escorbuto, os dartros, o abuso de preparações mercuriaes, principalmente do sublimado corrosivo, o que facilmente comprova-se com a experiencia de Cruveilhier : injectando o mercurio nos bronchios de cães observou, que, em todas as partes dos pulmões, a que tinha chegado, determinava a formação de pontos brancos, no centro dos quaes existia um globulo de mercurio.

CAUSAS DETERMINANTES.—A distincção estabelecida entre as duas ordens de causas parece-nos de summa importancia: com effeito, alguns observadores, guiados mais pela grande influencia, que exercem as causas geraes sobre a producção dos tuberculos, desprezaram o estudo das causas locaes, desconheceram a intervenção dos agentes irritantes no desenvolvimento destes, e affirmaram, que a inflammação era inteiramente estranha ao seu apparecimento: outros, pelo contrario, fixando a sua attenção nas causas locaes, naquellas, que obram immediatamente sobre os pulmões, e occupando-se apenas com as que modificam tão profundamente o organismo, exaggeraram a importancia dos phenomenos da irritação, e fizeram da inflammação o principal, e quasi o unico movel na producção dos tuberculos.

Duas opiniões diversas tem sido emittidas. Bayle, Laennec, e outros ensinam, que a irritação, e a inflammação não tem parte alguma na formação desses productos morbidos.

A inflammação, diz Andral, representa um papel mais importante, e mais amplo na producção dos tuberculos pulmonares, do que tem concedido Bayle; porém esta inflammação não basta certamente para explicar o seu apparecimento.

Nós acreditamos, contra a opinião de Laennec, e Bayle, sustentada por Louis, que todas as vezes que tuberculos accommettem o pulmão, seu desenvolvimento tem quasi sempre sido precedido de uma congestão sanguinea.

Louis e Laennec, tratando das causas dos tuberculos, dizem, que as inflammações dos pulmões, e pleura não são causas efficientes da producção de tuberculos: *primo*, porque as pneumonias principiam pela base do pulmão, emquanto que os tuberculos se desenvolvem pelo seu apice; *secundo*, porque muitos individuos, que tinham supportado grandes bronchites, não se tornaram tuberculosos, e vice-versa.

Broussais, refutando a doutrina de Laennec, diz, que os tuberculos se propagam muitas vezes da parte inferior do pulmão para a superior, e da

pleura affectada primitivamente para o parenchima pulmonar. Tem-se visto muitas pneumonias accommetterem todo o pulmão.

Quanto á segunda parte da questão, diremos, que, longe de destruir a opinião daquelles, que admittem a inflammação, nada mais prova do que a existencia de outras causas, que dão origem a formação de tuberculos. Se os tuberculos são, como quer Laennec, os agentes, que provocam bronchites, pneumonias, e pleuriasias, porque razão a inflammação dos bronchios, pulmões, etc., não póde produzir tuberculos? Ser-nos-ha permitido dizer, que tuberculos, á que se tem concedido o poder de irritar tão fortemente os pulmões, a ponto de determinarem grandes, e abundantes hemoptyses, possam, antes de seu apparecimento, existir sem produzirem a mais ligeira tosse? Quem nos poderá affiançar, que a irritação bronchica não se propague aos tecidos, e não provoque a secreção tuberculosa? Não vemos constantemente individuos robustos tornarem-se tuberculosos em consequencia de inflammações de bronchios, pulmões, e pleura?

Portanto, á vista de factos observados por abalisados praticos, confessamos, que as bronchites e pneumonias são causas occasionaes de tuberculos, e com Andral diremos, que, ellas não são as exclusivas. Si é incontestavel, que as inflammações dos orgãos, de que acabamos de fallar, occasionam o apparecimento de tuberculos, tambem é innegavel, que estes muitas vezes se desenvolvem sem intervenção destas phlogoses.

Os tuberculos pulmonares, diz Roche, exigem para o seu desenvolvimento o concurso de duas ordens de causas, umas geraes, e outras locais.

As primeiras modificam profundamente a nutrição geral dos individuos, empobrecem o sangue, augmentando a quantidade de seu soro, e diminuindo a quantidade de seus globulos rubros, e por conseguinte suas propriedades excitantes.

As segundas comparadas ás primeiras, só tem uma acção local, limitada, e de alguma sorte superficial.

A theoria, que acabamos de apresentar, reconhece as bronchites, pneumonias, e pleuriasias, como agentes assás poderosos para o desenvolvimento dos tuberculos: ella só faz, ver que em muitos casos os tuberculos apparecem sem symptomas de inflammação.

CAUSAS NO RIO DE JANEIRO.—Apresentaremos algumas causas do desenvolvimento de tuberculos no nosso paiz, consideradas peculiares, fazendo desta arte apparecer uma molestia tão rara em outros tempos, e nos firmaremos

nas opiniões de praticos nossos, recommendaveis pela sua illustração medica.

Sendo consultado o Dr. João Alves Carneiro, diz, que acreditava como causa a vida desregrada, a alteração dos alimentos, o abuso das bebidas alcoolicas, do tabaco, a prostituição, que se desenvolvera depois da chegada da cõrte; elles ainda são frequentes, continua o mesmo Dr., nas moças, que, chegadas aos 20 annos, se conservam solteiras, provindo disto uma affecção nervosa do utero, suspensão de regras, e ultimamente o desenvolvimento de tuberculos.

O Snr. Dr. Paula Candido considera tambem como causa a absorpção frequente de corpusculos argilosos acarretados pelos ventos, a propagação da syphilis, o abuso das preparações mercuriaes no curativo desta molestia.

O Snr. Dr. Valladão reconhece tambem como causa predisponente de tuberculos a vida sedentaria das mulheres da cõrte, tendo ellas necessidade de uma vida mais activa para o complemento da hematose tão importante na producção dos menstros e aleitamento.

O Snr. Dr. Silva, a quem cabe a gloria de ter com mais attenção estudado os progressos desta molestia no nosso paiz, quer procurando as causas, que a possam produzir, quer mesmo tentando uma therapeutica toda nossa, acredita como causas, não só todas as que deixamos referidas, dando principalmente muita importancia á syphilis, que, segundo elle, produz o maior numero de phthisicas; mas tambem o abuso das preparações mercuriaes, especialmente da de sublimado corrosivo, o pernicioso, e degradante vicio do onanismo, a habitação de lugares paludosos e alagadiços, de casas humidas, e mal ventiladas, não podendo ahi renovar-se o ar, o cheiro exhalado das tintas de que essas casas são pintadas, compostas quasi todas de substancias venenosas, e nocivas á respiração; a frequencia dos bailes, aonde, reunindo-se grande numero de pessoas, respira-se um ar impuro, já pela decomposição, que soffre em consequencia de muitas luzes, já pelo pequeno espaço das salas em relação ao numero de pessoas, já porque, desenvolvendo-se ahi abundante transpiração, de diversos caracteres, são obrigados a respirarem destas variadas exhalações, já finalmente, porque, sujeitos aos diversos perfumes de que se aromatisam as nossas moças, respiram um ar viciado; o uso de roupas bem conchegadas ao corpo, mal, que desgraçadamente se tem estendido até os homens, impedindo dest'arte o livre exercicio dos órgãos respiratorios, as paixões deprimentes, a suppressão de evacua-

ções habituaes, o desaparecimento rapido dos dartros, e outras affecções da pelle, o aleitamento prolongado, a suppressão de transpiração em pessoas predispostas á esta molestia, mui frequente pela constante variedade da atmosphaera, e finalmente os repetidos accessos de febres intermittentes, determinando congestões sanguineas nos pulmões.

Aqui terminaremos a tarefa, que nos foi imposta, não como desejava-
mos; porém como nos permittio a fraqueza de nossa intelligencia, e o apou-
camento de nossas idéas. Mas antes de o fazer aproveitaremos a opportuni-
dade para testemunhar ao Illm. Sr. Dr. Joaquim José da Silva nosso sincero
reconhecimento pela extrema bondade, com que sempre se dignou tratar-
nos, e a amizade que nos mostrou aceitando a presidencia da nossa these,
cujo unico merito consiste em ser protegida pelo seu nome.



HIPPOCRATIS APHORISMI.

I.

Lassitudines spontaneæ morbos denunciant. (Sect. 2.^a, aph. 5).

II.

Somnus, vigilia utraque modum excedentia, malum. (Sect. 2.^a, aph. 3).

III.

Duobus doloribus simul obortis, non eadem tamen in parte, vehementior obscurat minorem. (Sect. 2.^a, aph. 46).

IV.

Qui spumantem sanguinem extussunt, iis e pulmone educitur. (Sect. 5.^a, aph. 13).

V.

Tabes maximé fit ætatibus ab anno octavo decimo usque ad quintum trigesimum. (Sect. 5.^a, aph. 9.^o).

VI.

In morbis acutis refrigeratio partium extremarum, malum. (Sect. 7.^a, aph. 1).

Esta these está conforme os Estatutos. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1854.

Dr. Joaquim José da Silva.

ERRATAS.

- Pags. 12 linha 16—Em vez de—era—leia-se—fosse.
— 17 — 5—Onde se lê—sem,—leia-se—sem.
— 20 — 6—Em vez de—inter-suscepção—deve se ler—intus-suscepção.
— — — 13—Dá-se o mesmo erro.